

1.

Introdução

Neste ano, Tristão de Athayde, pseudônimo literário de Alceu Amoroso Lima, completa noventa anos de existência. Desde o seu aparecimento, nas páginas de *O Jornal*, em 1919, até os dias de hoje, Alceu e Tristão são sinônimos de erudição e testemunho das transformações culturais pelas quais a Literatura Brasileira passou durante o século XX. O nome verdadeiro ou o pseudônimo, juntos, separados ou confundidos – ambos nos remetem à pessoa e à obra deste intelectual que ajudou a pensar e realizar o Modernismo brasileiro. Com defeitos ou não, errando ou acertando, perseguido ou perseguidor, enfim, Alceu Amoroso Lima.

É com estes diversos pares antagônicos que apresentamos este trabalho, fruto de uma longa e difícil decisão quanto ao tema a ser escolhido. E o tema optado foi Alceu Amoroso Lima. Mas como delimitar este complexo representante da Cultura Brasileira? Como falar dele de uma forma a não provocar injustiças, especialmente deixando determinados assuntos de lado? O que escolher de uma obra com mais de sessenta livros publicados? Perguntas e mais perguntas. Dúvidas. Decisão difícil de ser tomada.

Mas falar de Alceu é realmente complicado e desafiador. Ele teve várias faces: crítico literário, crítico cultural, poeta bissexto, professor, ensaísta, advogado, filósofo, teólogo e outras mais. Estas para ficar apenas no campo profissional, fora outras da sua dimensão pessoal. Daí a dificuldade: o que escolher? Que aspecto deve ser mais analisado? Em qual das faces apoiar a nossa pesquisa?

Depois de uma difícil decisão, optamos. Como o próprio título do trabalho sugere, falaremos de Alceu Amoroso Lima na sua relação com a Religião – o Catolicismo – e com a Vida Literária. Tudo numa perspectiva preferencialmente cultural, na qual não utilizamos preciosismos biográficos. Outro aspecto relevante diz respeito ao nosso “corte” analítico: o Alceu político, educador e advogado não foi o objeto da nossa análise. Escolhemos o Alceu católico, crítico literário, memorialista da nossa literatura, analista do nosso Modernismo.

Na sua interface com a Religião – o Catolicismo – abordaremos os fatos mais relevantes da trajetória amorosiana, desde antes da sua conversão até o seu pleno amadurecimento na fé, passando pelas inúmeras mudanças que a Igreja sofreu ao longo

do século XX. Na perspectiva da literatura, vamos explorar os critérios que norteiam a idéia de Vida Literária: grupos de afinidades mútuas, amizades, desafetos, publicações, editoras, centros de convívio como livrarias, cafés e instituições literárias, como a Academia Brasileira de Letras, bem como outras sociedades e confrarias onde a intelectualidade se reunia (ou se digladiava).

É por isso que o primeiro capítulo – *Ente Tensões e Rupturas – o Tristão na Encruzilhada das Decisões* – versará sobre as problemáticas vividas pela Igreja Católica no Brasil e no mundo, bem como suas consequências na obra e no pensamento amorosiano.

A Igreja Católica viveu uma profunda ruptura do seu pensamento e de sua ação pastoral e doutrinal na transição dos séculos XIX e XX. A “Esposa de Cristo” vinha de uma tradição triunfalista corroborada pelo Concílio de Trento, no qual sua existência e sua missão foram reforçadas e repensadas, especialmente após as consequências da Reforma Luterana. Tal força da Igreja foi ainda perceptível nos séculos XVI e XVII. Todavia, a partir do século XVIII, com os efeitos ideológicos do Iluminismo e da Revolução Francesa, o triunfalismo católico começou a sentir um considerável abalo. O ateísmo cada vez mais forte, o liberalismo econômico e a contestação da autoridade papal foram alguns dos problemas que a instituição teve de enfrentar.

Toda essa dinâmica contestatória chegou ao século XIX de forma problemática, principalmente se levarmos em consideração que este século também foi testemunha do surgimento de outras ideologias contrárias à fé, como o Comunismo, o Socialismo e o Cientificismo. Enfim, o clima anticlerical estava bem reforçado, fazendo com que a voz da Igreja fosse uma dentre tantas vozes.

Por isso que verificamos um alto grau de indiferentismo religioso, de agnosticismo exacerbado no seio da intelectualidade ocidental, especialmente a brasileira, da qual trataremos com mais afinco.

É neste momento que o nosso trabalho tem início. Demonstraremos o quanto tais transformações influenciaram determinados intelectuais brasileiros, especialmente aquela parcela da qual Alceu Amoroso Lima foi representante e fez parte.

A esta avalanche de ideologias contrárias à doutrina católica verificamos uma forte reação da Igreja, principalmente através da atuação dos “papas fortes”, homens que não pouparam esforços para resgatar o que já estava perdido em termos de atuação da instituição, ou o que poderia se perder caso nada fosse feito. Daí os governos emblemáticos de Leão XIII e Pio X. O primeiro caracterizado pelos diálogos entre a

Igreja e as problemáticas sociais do seu tempo, transformando tais questionamentos em documentos pontifícios de forte influência mundial, como a encíclica *Rerum Novarum*. O segundo marcado por um forte sentimento de “caça às bruxas” cultural. Com a famosa encíclica *Pascendi*, Pio X entrou para a História Eclesiástica como o papa inimigo do Modernismo, inclusive criando um “Juramento antimodernista”, que era proferido pelo clero e pelos leigos mais comprometidos.

Ainda a respeito de Pio X, mostraremos que o seu conceito de Modernismo não se restringia apenas às posturas bíblico-teológicas condenadas pela Ortodoxia, mas se estendia a diversas práticas de renovação da Cultura, particularmente à revolução estética produzida pelas vanguardas artísticas européias. Tudo isso levou o referido papa a declarar que o Modernismo era “a síntese de todas as heresias”.

Todos esses esforços da Santa Sé ecoaram pela Igreja universal, e a cristandade brasileira não ficou à margem. Por isso que, ainda neste primeiro capítulo, veremos a reação da Igreja no Brasil através da Ação Católica.

Para tal intuito, várias atitudes foram tomadas. A principal delas se deu através da Arquidiocese do Rio de Janeiro, na ação pastoral do seu segundo arcebispo – o cardeal Dom Sebastião Leme, ou simplesmente Dom Leme. Este recebeu plenos poderes da Santa Sé para implantar as mudanças necessárias para “recristianizar” a sociedade brasileira. Missão árdua e desafiadora, senão um tanto impossível. Por isso, Dom Leme tomou certas decisões que tanta polêmica causaram no meio intelectual brasileiro.

A principal delas foi a criação do Centro Dom Vital, importante órgão ligado à Arquidiocese carioca. O Centro Dom Vital foi fundado por Jackson de Figueiredo sob os auspícios de Dom Leme. O cardeal via no Centro a possibilidade de resgatar boa parte da intelectualidade perdida no forte indiferentismo religioso que reinava no país. Um ano após esta fundação, veio a revista *A Ordem*, referência na divulgação do pensamento católico conservador.

Além dessas atitudes, veremos como Dom Leme soube orquestrar certos acordos com o Governo Vargas. A receita era bem simples: a Igreja fazia vistas grossas para determinadas ações espúrias do Estado Novo, procurando não enfrentá-lo ou mesmo denunciá-lo e, em troca, o governo oferecia certas benesses à autoridade eclesiástica, como o controle de algumas pastas fundamentais como a Educação. Foi neste momento que Alceu Amoroso Lima “costurou” a chegada de Gustavo Capanema ao Ministério da Educação, depois de diversas negociatas e desentendimentos. Capanema foi amigo pessoal de Alceu e acatou várias decisões deste, principalmente nos embates gerados no

ensino superior da Capital Federal, com o fechamento e a abertura de universidades públicas.

Um assunto particularmente interessante que o primeiro capítulo discutirá diz respeito à conversão de Alceu Amoroso Lima ao Catolicismo. Alceu em suas cartas ou textos memorialísticos sempre ressaltava que recebera educação católica, embora sua família não fosse tão assídua na religião. Mas ainda assim foi devidamente catequisado e fez sua Primeira Eucaristia, como mandava o figurino das boas famílias burguesas. Todavia, foi vítima do agnosticismo que reinou durante a *Belle Époque*. Provou o gosto do Cientificismo e do Positivismo que dominavam boa parte do pensamento brasileiro naquele momento levando-o, como consequência, ao abandono do Catolicismo e da própria fé que professava. Alceu sempre lembrava que esta situação foi comum à sua geração, todos vítimas de um pensamento filosófico que não admitia a existência de Deus e a ação da Igreja, principalmente nos meios acadêmicos.

Tal estado de espírito permaneceu aguerrido durante as duas primeiras décadas do século XX. Em 1922, Alceu conheceu Jackson de Figueiredo. Este já se convertera ao Catolicismo depois de conhecer a filosofia mística de Farias Brito, e foi devidamente acompanhado nos seus questionamentos pelo Cardeal Leme e pelo Padre Leonel Franca, outro grande intelectual do meio católico. Alceu travou com Jackson uma correspondência ininterrupta de seis anos, com cartas quase diárias, curtas ou caudalosas.

Com isso, vamos acompanhar, neste capítulo, a tumultuada via crúcis que foi a reconversão (como ele gostava de chamar) de Amoroso Lima à Igreja. Nestas cartas, emergem as complexas personalidades de Jackson e Alceu. O primeiro fazendo experiência de uma fé militante, combatente, por isso mesmo cognominado de “o cangaceiro da Igreja”. O segundo, sempre na busca, virado do avesso pelas idéias de Jackson e pela filosofia cristã de Bergson, Péguy e Maritain. O troca de missivas foi ininterrupta até a Eucaristia que Alceu recebeu do Padre Franca, em agosto de 1928, simbolizando a sua definitiva volta ao seio da Madre Igreja.

Meses depois, Jackson morreu num acidente ocorrido numa praia do Rio de Janeiro, o que levou o Cardeal Leme a nomear Alceu Amoroso Lima para a direção do Centro Dom Vital. Neste momento, teve início a trajetória de católico convicto e militante que Alceu exerceu até a sua morte, ocorrida em 1983. Foi à frente do Centro Dom Vital que veremos um Alceu exercendo seu posto de principal liderança leiga do Catolicismo brasileiro. Foi de lá que suas idéias e atitudes, certas ou equivocadas,

emergiram com grande força e repercussão, provocando as mais diferentes reações da intelectualidade brasileira.

A mais interessante delas, na ótica desta Tese, ocorreu com Mário de Andrade. O poeta e crítico paulista teve uma interessante troca de cartas com Alceu Amoroso Lima, na qual ficou evidente um forte embate ideológico pró e contra o Catolicismo. Mário não era um ateu nos moldes tradicionais desta idéia, pelo contrário, mantinha uma espécie de fé pessoal em Deus, um resquício da sua época de católico fiel e praticante, congregado mariano e cantor do Coral da Igreja de Santa Efigênia, no centro de São Paulo.

Segundo Alceu, Mário foi vítima do ceticismo religioso que “dilacerou” a mentalidade religiosa da sua geração, o que lhe provocou um repúdio pela Igreja e por “certos católicos”, não por Deus, não pelo Divino. A partir dessas motivações, acompanharemos o diálogo epistolar entre Mário e Alceu no que se referia às questões religiosas, especialmente na experiência de Catolicismo que se praticava no Brasil, bem como suas interfaces ideológicas e estéticas na cultura e no pensamento brasileiros.

Outro tópico importante e curioso que este primeiro capítulo apresentará foi a atuação cultural, religiosa e intelectual de um frade franciscano – Frei Pedro Sinzig.

Frei Sinzig chegou ao Brasil, vindo da Alemanha, com o objetivo de aqui exercer o seu projeto evangelizador. Era a época da total escassez das vocações brasileiras, o laicato estava à deriva necessitando de sacerdotes que levassem adiante a missão da Igreja. Por isso, a solução de Roma foi iniciar um grande projeto de Evangelização “ad gentes”, enviando ao Brasil sucessivos grupos de missionários europeus de diferentes ordens e congregações. Numa dessas levas chegou Frei Pedro Sinzig.

Embora fosse um grande pesquisador e especialista em Música, sua atuação foi mais preponderante na Imprensa católica. Foi ele quem fundou a Editora Vozes e o seu arsenal de atividades editoriais, todos voltados para a divulgação e circulação das idéias católicas, atuando no Brasil inteiro, principalmente através de diferentes periódicos.

Entretanto, a principal contribuição de Sinzig foi o lançamento de *Através dos Romances – Guia para as Consciências*, em 1923. Este livro possuía mais de mil páginas e representou o que havia de melhor na prática da censura literária católica. O frade-censor analisou centenas de obras e autores da Literatura Brasileira e estrangeira, sempre com o intuito de levantar suas virtudes ou, principalmente, de denunciar seus perigos em relação à fé e à ortodoxia doutrinal da Igreja. Com isso, *Através dos Romances* foi largamente divulgado e distribuído pelo Brasil, ocupando lugar de

destaque nas bibliotecas familiares ou de instituições católicas, servindo de paradigma para todos que desejavam desfrutar de uma “segurança espiritual” quanto ao que estavam lendo.

Desta forma, o livro de Sinzig conseguiu realizar seu principal intuito – ser um *Guia para as Consciências*. E não só isso, foi também um dos principais mecanismos de repressão doutrinária e cultural daquele contexto, inteiramente dedicado ao programa eclesiástico de divulgação e fortalecimento do Catolicismo e, o que é mais importante, ajudando na criação de uma laicato consciente, culto e livre do pecado que vinha através da má literatura.

Vamos demonstrar um pouco das ideologias de Frei Pedro Sinzig, sua idéia de Catolicismo e sua atuação na Imprensa. Mas também analisaremos a Crítica Literária de cunho católico produzida no seu *Guia para as Consciências*. Daremos destaque às considerações do crítico-censor quanto à natureza das obras analisadas, bem como o estilo e a maneira nos quais estes textos eram produzidos, com o seu peculiar arsenal linguístico a favor ou contra a obra por ele criticada.

Com isso, encerramos a demonstração dos conteúdos do primeiro capítulo. Esta parte do nosso trabalho versou nas problemáticas católicas que envolveram Alceu Amoroso Lima e a sua época, contribuindo sobremaneira para compreendermos a sua visão de mundo e a sua atuação religiosa e cultural.

O segundo capítulo foi intitulado *Entre a Vida Literária e a Crítica Católica*. Por “Vida Literária” de um autor entendemos toda a complexa rede de relações que um escritor pode ter: sua relação com a Crítica, sua inserção nos debates culturais típicos do seu momento, as motivações para a escrita da sua obra, as amizades e inimizades geradas pelo seu trabalho e, de forma particular, os círculos de convivência nos quais o artista circulou e se fez presente. Todos esses aspectos verificaremos na perspectiva de Alceu Amoroso Lima, e este capítulo tratará desses assuntos e da Crítica Literária Católica, gênero complexo no que diz respeito as suas especificidades teóricas.

Começaremos tratando do contexto cultural do Rio de Janeiro nas duas primeiras décadas do século XX, a chamada *Belle Époque* carioca com todas as suas dinâmicas culturais e político-sociais. O Centro do Rio passou por uma profunda transformação arquitetônica e urbanística, foi o Bota-abaixo promovido pelo prefeito Pereira Passos, que demoliu prédios e estabelecimentos comerciais antigos para a construção da Avenida Central. Foi uma clara tentativa de seguir o que ocorrera anos antes em Paris, quando Haussmann imprimiu uma grande reforma na Cidade Luz.

A reforma de Pereira Passos não mudou apenas a aparência da antiga Capital Federal, modificou também o contexto cultural, os costumes e a vida social daqueles que circulavam pelos circuitos de convivência dos intelectuais e artistas. Alceu Amoroso Lima foi criado e conviveu neste contexto, e entender a mentalidade desta época contribui para compreendermos as mudanças ideológicas sofridas pelo próprio Alceu.

A contrapartida em relação ao Rio de Janeiro se deu com São Paulo, estado que neste momento (início do século XX) já apresentava uma dianteira econômica em relação à então Capital da República. São Paulo contava com uma poderosa oligarquia cafeeira desde os tempos do Império, e também beneficiou-se com os frutos da imigração estrangeira iniciada no final do século XIX. Além disso, o estado foi testemunha de um forte processo de industrialização que se traduziu em altruísmo cultural, isto é, a aristocracia financiou inúmeras iniciativas que fomentaram a revolução modernista que lá ocorreu, culminando na realização da Semana de Arte Moderna, em 1922.

Alceu Amoroso Lima registrou as diferenças quanto às posturas modernistas dessas duas capitais, analisando as especificidades ideológicas e estéticas de cada proposta. Utilizaremos as memórias amorosianas para acompanhar os diferentes caminhos percorridos pelo Modernismo, especialmente as experiências tão diferentes realizadas pelo Rio de Janeiro e por São Paulo.

Outro tema complexo deste segundo capítulo diz respeito à pessoa e à obra de Sílvio Romero. Todos os historiadores da Literatura Brasileira falam de uma tríade da nossa Crítica, formada por Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior. Por uma escolha puramente metodológica, não analisaremos a obra de Veríssimo e Araripe Júnior. Tal opção não se deu por considerá-los menos importante para a nossa Crítica Literária, mas porque não encontramos muitas referências ideológicas e estilísticas que os interligassem a Alceu Amoroso Lima. O contrário se deu com Alceu em relação a Romero, citado e reconhecido em sua importância enquanto pensador e modelo de intelectual, sempre comprometido e apaixonado por tudo o que defendia.

Sobre Sílvio Romero, veremos um pouco do pensamento deste controverso intelectual, conhecido como um dos maiores polemistas daquele momento. Romero foi professor de Alceu na Faculdade Nacional de Direito, principal *locus* de divulgação do seu pensamento. Tal fato ficou registrado nas memórias de Alceu, que sempre lembrou do antigo mestre como uma das suas marcantes influências da juventude. Além disso,

será analisada a importância de Sílvio Romero como intelectual, principalmente sua complicada ação em defesa dos Centros Literários espalhados pelo Brasil, sua feroz crítica aos meios acadêmicos do eixo Rio-São Paulo e as suas brigas com José Veríssimo. Todo este delineamento será no sentido de percebermos o embate de ideologias no momento que Alceu construía a sua própria personalidade intelectual, recebendo influências de diferentes fontes e tendências.

Seguindo a linha da Crítica produzida no Brasil naquele contexto, falaremos sobre um direcionamento analítico que ainda produz controvérsias metodológicas e teóricas – a Crítica Literária Católica.

Para muitos especialistas, não podemos sequer utilizar a terminologia *católica* para certas práticas da crítica de literatura. Todavia, optamos em utilizar o referido termo pois ele foi o que melhor se mostrou para definir uma corrente particular da nossa Crítica Literária. Por essas razões, será demonstrado como o Modernismo brasileiro estava bifurcado ideologicamente entre Direita e Esquerda, entre “continuístas” e “desbravadores”, para utilizarmos termos comuns daqueles debates.

Embora nos dias de hoje as fronteiras filosóficas e ideológicas entre Direita e Esquerda estejam totalmente imbricadas, naquela época o contexto era bem diferente: a Direita era reconhecida naquela pequena fração da sociedade que fazia a experiência do *status quo* estabelecido, que usufruía das benesses culturais e econômicas da “situação” política, enfim, a Direita era a própria política delineada pelas seculares oligarquias rurais ou então pela moderna burguesia industrial.

Contrariamente, a Esquerda era vista como a voz dissonante que podia reagir contra tal situação imposta. Seu principal braço de atuação – o Partido Comunista Brasileiro (PCB) – era a esperança de muitos militantes para a revolução que daria uma nova cara à História do Brasil, era a materialização dos conceitos de contestação e luta.

A partir dessas considerações, verificaremos que o Modernismo também foi dividido entre esquerdistas e direitistas, pelo menos na avaliação de alguns artistas, críticos e historiadores. Assim, a tendência antropofágica de São Paulo foi associada à esquerda, principalmente no seu caráter vanguardista e revolucionário. Quanto ao Rio de Janeiro, este ficou com um Modernismo mais brando, não primitivista, católico e espiritualista, ou seja, de Direita. Por isso que a Crítica Literária Católica foi vista por muitos como uma Crítica de Direita, com os seus próprios organismos divulgadores das suas idéias.

Acompanharemos o surgimento da revista *Festa*, vislumbrada por Andrade Muricy e Tasso da Silveira. Tal periódico foi importante para a expressão do grupo espiritualista do Rio de Janeiro, tendo sido um importante veículo na divulgação de idéias e de obras que seguiram um caminho diferente daquele traçado pelo Modernismo paulista.

E ninguém melhor do que Alceu, um paladino da intelectualidade católica, para sentir e pensar esta modalidade de Crítica Literária. O crítico carioca achava que a Crítica era também uma forma de produção artística e, por isso mesmo, deveria abarcar o ser humano como um todo, vendo-o através das suas inúmeras manifestações psicológicas e sociais. Foi na revista *Festa*, em *O Jornal* e em algumas publicações específicas que Alceu defendeu tais teses em relação à sua noção de Crítica Literária.

Para finalizar este segundo capítulo, voltaremos a falar sobre a atuação de Frei Pedro Sinzig, o nosso incansável crítico-censor. Veremos, de forma mais específica, como foi a produção crítica de Sinzig, assim como outros aspectos do seu livro *Através dos Romances – Guia para as Consciências*. Como base teórica, faremos análises baseadas nas teorias de Perilo Gomes, amigo pessoal de Alceu e seu colaborador no Centro Dom Vital.

É desta forma que pretendemos concluir o segundo capítulo – com as ações práticas de Frei Pedro Sinzig, os questionamentos (ou aconselhamentos) teóricos de Perilo Gomes e a reflexão crítica de Alceu Amoroso Lima, tudo no afã de entendermos melhor como se realizou a Crítica Literária Católica no Brasil.

O terceiro e último capítulo desta Tese se chama *Tensões Modernistas*. Como o próprio título sugere, vamos fazer uma abordagem revisionista do processo modernista brasileiro sob a ótica de Alceu Amoroso Lima. Este, quando completou oitenta anos de vida, escreveu as suas *Memórias Improvisadas*, importante livro memorialístico no qual o crítico fez uma completa revisão não apenas da sua vida, mas principalmente da trajetória intelectual e artística brasileira a partir da *Belle Époque* até o final do Modernismo.

Iniciaremos tratando do processo modernista brasileiro como um projeto totalmente fissurado e heterogêneo. Nunca houve um padrão de modernidade a ser seguido, por isso que afirmamos ter havido Modernismos, e não apenas a sua versão no singular, como sempre é sugerido. No meio deste caldeirão estilístico, optamos por comparar as duas principais experiências: a do Rio e a de São Paulo, fazendo sempre

um contraponto não apenas dos dois movimentos em si, mas principalmente dos personagens neles envolvidos.

Tudo isso será possível demonstrar por conta da atuação de Alceu. Ele soube circular pelas diferentes tendências modernistas, manteve contato com as posturas mais díspares dentro do movimento – de Jackson de Figueiredo a Oswald de Andrade, como ele mesmo gostava de lembrar. Tal fato, no Rio de Janeiro, foi mais explícito e sintomático: na arena cultural da Capital digladiavam-se dinamistas, espiritualistas, verdeamarelistas e primitivistas – as principais correntes do Modernismo brasileiro. Veremos a atuação de cada uma, bem como seus esforços de legitimação ideológica e estética.

O segundo momento deste terceiro capítulo versará sobre os desentendimentos gerados dentro do próprio movimento, as tensões e rupturas que tanto contribuíram para criar as diferentes faces desta Escola. A primeira delas é produto dos desentendimentos que envolveram o escritor e diplomata Graça Aranha.

Alceu sempre afirmava que chegou ao Modernismo através de Ronald de Carvalho e Graça Aranha. Em 1924, Graça proferiu sua famosa conferência *O Espírito Moderno*, na Academia Brasileira de Letras. Nela, defendeu as experiências modernistas e acusou a Academia de ser um “sarcófago de múmias”, isto é, um templo das velharias literárias que em nada contribuía para o progresso cultural do Brasil. A partir deste impasse, foi concretizada sua ruptura oficial com a Casa de Machado de Assis, fato este que provocou grande repercussão e opiniões contra e a favor do velho diplomata.

A Imprensa aproveitou o escândalo e deu um toque sensacionalista ao mesmo, colocando Graça Aranha como a principal liderança do movimento e a voz dissonante do Modernismo. Pessoalmente, Graça nada fez para retirar o epíteto de líder espiritual dos modernistas. A partir desses fatos, veremos como a intelectualidade reagiu. Na ofensiva, os posicionamentos de Mário e Oswald de Andrade. Na defensiva, o próprio Alceu Amoroso Lima através das suas críticas semanais em *O Jornal*.

Todos esses questionamentos nos levam a “repensar” o Modernismo, como será proposto na próxima parte deste último capítulo. Novamente, recorreremos às memórias amorosianas para problematizar o movimento. Alceu afirmava que a nossa modernidade foi construída sob duas colunas ideologicamente contraditórias: a Tradição e a Vanguarda. Ambas caminharam juntas, ora se complementando, ora se estranhando.

Alceu viu nesta bifurcação as duas principais tendências do movimento. Com isso, ele afirmava que dois poetas eram emblemáticos: Mário e Oswald, ou seja, os dois Andrades. Por esta razão, vamos acompanhar as considerações críticas de Amoroso Lima no sentido de analisar os diferentes papéis exercidos pelos poetas paulistas, sempre contrapondo um ao outro, assim como as duas correntes por eles encabeçadas. Oswald – a destruição vanguardista; Mário – a conciliação estilística.

Seguindo esta linha de acompanhar as rachaduras do movimento modernista, vamos analisar a relação de Alceu e um outro complexo escritor – Lima Barreto. Alceu escreveu um interessante artigo sobre a obra de Lima Barreto – *Um Discípulo de Machado* – no qual percebemos, pelo próprio título, um tom elogioso e laudatório, justamente o oposto do que ocorria em relação ao autor de *Os Bruzundangas*. O referido artigo tem um certo tom de ineditismo, já que não encontramos outro com o mesmo teor analítico, lembrando sempre que uma das questões que o romancista mais reclamava era exatamente do silêncio da Crítica em relação a sua obra, isto quando a mesma não a execrava por completo.

O último capítulo desta Tese também versará sobre Crítica Literária, porém de uma forma mais teórica e analítica, procurando acompanhar a evolução do pensamento de Alceu Amoroso Lima a este respeito, bem como suas diferentes visões quanto à Crítica, ao crítico, ao autor e à obra em si.

Alceu compreendia a Crítica Literária não apenas como um exercício de erudição hermenêutica, mas era também uma forma de criação, apoiada no binômio intuição-expressão. Esta opinião ele foi buscar nas teorias do filósofo italiano Benedetto Croce, por isso que Alceu afirmava que “a função do crítico não é julgar, porém compreender e participar”. Por esses direcionamentos, Alceu batizou seu método de “Crítica Expressionista”, em contrariedade ao Impressionismo Crítico, ainda muito vigente naquele momento. Faremos diferentes abordagens a respeito deste assunto, procurando perceber as mudanças paradigmáticas ocorridas não apenas na práxis analítica de Alceu, mas também na idéia de Crítica Literária praticada no Brasil.

Prestes a finalizar nossa Tese, inverteremos um pouco a lógica da nossa pesquisa: não falaremos do Alceu crítico, mas do Alceu criticado. Isto é, exploraremos um ensaio que Mário de Andrade escreveu de título *Tristão de Athayde*, publicado em *Aspectos da Literatura Brasileira*. Neste trabalho, Mário fez sintomáticas análises da pessoa e da obra crítica de Alceu, denunciando tendências assaz eurocêntricas na práxis amorosiana, mas também reconhecendo o seu potencial erudito.

A última consideração que faremos diz respeito ao afastamento de Alceu da Crítica especificamente literária. A partir da sua conversão, Alceu repensou sua ação intelectual e religiosa, desta forma, continuou a produzir textos críticos, porém estes versavam mais numa crítica cultural-político-social, e não apenas literária. Este momento testemunhou uma certa distância do Tristão, pseudônimo e pessoa literária de Alceu Amoroso Lima. Por isso, nosso último texto analisado será uma carta do Alceu ao Tristão, como exemplo simbólico de cisão entre as duas instâncias.

Em linhas gerais, estes serão os assuntos que trataremos neste trabalho. Como se trata de uma introdução, fizemos aqui uma panorâmica temática, deixando para as próximas páginas os respectivos desenvolvimentos de tais propostas.

Uma questão puramente metodológica diz respeito a certas nomenclaturas que utilizaremos, especialmente aquelas que se referem a posicionamentos político-religiosos. A primeira delas diz respeito ao trinômio conservador/reacionário/liberal.

Tais termos são de extrema complexidade quanto a sua origem e aplicabilidade, principalmente nos dias de hoje, quando as fronteiras ideológicas estão cada vez mais porosas e “contaminadas”. Por isso, neste trabalho, utilizamos o vocábulo *conservador* como sinônimo de manutenção e continuísmo de determinados valores antigos e já canonizados pela Tradição. Já o termo *reacionário* foi usado como sintoma de defesa intransigente desta mesma Tradição, como reação ideológica e prática a todo e qualquer pensamento que desafiasse o *status quo* da Política ou da Religião. Por *liberal* entendemos o oposto de tudo anteriormente afirmado, ou seja, toda e qualquer postura que se caracterizasse pela flexibilidade de opiniões, pela abertura às novas propostas e tendências.

Esperamos que o nosso trabalho ocupe um *lugar* nos debates intelectuais brasileiros, que contribua na fomentação de novas abordagens não apenas sobre a biografia de Alceu Amoroso Lima mas, principalmente, sob a sua complexa e caudalosa atuação como intérprete do Brasil. Mais ainda, pretendemos que esta Tese ajude na interpretação deste complexo e controverso movimento cultural que foi o Modernismo brasileiro.